

Nomeação e Baptismo

Processos Inclusivos na Macau do Início do Século XX

MARIA CÉLIA LIMA-HERNANDES*, PATRÍCIA CARVALHINHOS**, ROBERVAL TEIXEIRA E SILVA***

NOMEAÇÃO: MOTIVAÇÕES POLÍTICAS E IMPACTOS SOCIAIS

Em Sing (1996), é possível perceber um comportamento diferente entre as gerações de chineses habitantes de Macau, como a actuação profissional, o tempo de educação formal, os dotes e os rituais nos casamentos, de entre outros eventos, assim como há resultados que revelam a resiliência de hábitos tradicionais chineses, como a visita a templos, a assistência a óperas chinesas e a alimentação, entre

Igreja de Santo António, c. 1920.

* Doutorada em Linguística Teórica pela Universidade de Campinas, é professora da Universidade de São Paulo e investigadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, no Brasil. Desenvolve estudos sobre a história de Macau do século XX, com vista à compreensão da cultura local e dos usos linguísticos.

Ph.D. in Theoretical Linguistics from the University of Campinas. Professor at the University of São Paulo and researcher of the National Council for Scientific and Technological Development, Brazil, she conducts studies on the 20th century history of Macao, in that understanding the local culture and language uses.

** Mestre e doutorada em Linguística pela Universidade de São Paulo, onde é professora. Investigadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, desenvolve projectos sobre onomástica geral e do Brasil, com foco na compreensão da visão de mundo de grupos étnicos nos seus espaços.

M.A. and Ph.D. in Linguistics from the University of São Paulo, Brazil, where she is Professor. Researcher in the Foundation for Research Support of the State of São Paulo, she conducts projects on general and Brazil onomastics, focussed on understanding the worldview of ethnic groups in their areas.

*** Doutorado em Língua Portuguesa e Linguística (Sociolinguística Interaccional) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é Professor Auxiliar e investigador no Departamento de Português da Universidade de Macau. A sua investigação centra-se nas políticas linguísticas, identidades (étnicas e de género) e ensino de português como língua não-materna.

Ph.D. in Portuguese Language and Linguistics (Interactional Sociolinguistics) from Pontifícia Universidade Católica of Rio de Janeiro, Brazil, he is Professor and researcher in the Portuguese Department of the University of Macau. His research focuses on language policies, identities (ethnic and gender) and on teaching Portuguese as a foreign language.



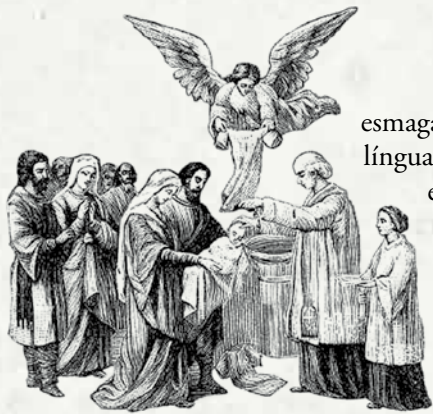
outros aspectos. Há, contudo, um costume que tem mudado ao sabor da mudança da política, na agora Região Administração Especial de Macau, que é a forma de nomear os seus herdeiros.

Essa mudança tem como motivação original o *Handover*, em 1999, que fez com que as directrizes políticas da região passassem a ser fortemente influenciadas pelo poder central da China continental. Ainda na pesquisa de Sing, que antecede em poucos anos esse facto histórico-político já prenunciado por acções de transição, sinalizava-se a ideia de que os chineses de Macau alimentavam o plano de casamento entre os seus filhos e chineses do continente ou chineses de Macau e não concebiam como prestigiosa a relação matrimonial com portugueses ou com macaenses.¹ Naquele momento anterior ao *Handover*, 57,1% dos pais entrevistados já afirmavam que a língua oficial de Macau deveria ser o chinês, sem especificar se esse chinês era o cantonês, o mandarim ou alguma outra língua chinesa. No entanto, 21,4% dos filhos entrevistados escolhiam o cantonês como língua exclusiva de Macau. Essas respostas poderiam ser apenas uma representação de um momento ainda distante da realidade de mudança de administração, mas não é o que demonstram as atitudes dos jovens casais (com a configuração chinesa mais macaense) e dos pais idosos macaenses na última pesquisa de campo que Lima-Hernandes (2011) realizou.

Nessa última incursão, foi possível verificar que os jovens casais têm uma preocupação com o nome de baptismo da sua prole e essa preocupação revelou-se forte no grupo dos macaenses 100%.

Também os avós macaenses revelaram a sua preocupação com a escola e a educação futura dos seus netos, orientando os seus filhos, genros e noras a encontrarem sílabas que soassem chinesas nos nomes a serem escolhidos, assim como a os matricularem em escolas onde pudessem aprender línguas chinesas, algo indispensável durante a maior parte do século xx.

Como argumentaram Teixeira e Silva e Lima-Hernandes (2010), as mudanças políticas em Macau reflectem-se nas atitudes linguísticas dos cidadãos da RAEM frente ao chinês e ao português, por exemplo. Mais contemporaneamente, o chinês passou a ocupar o lugar de destaque não apenas como língua da



esmagadora maioria da população, mas como língua de prestígio na administração, na escola e nas relações familiares.

Trata-se de uma história interessante que tentaremos recontar via estratégia de nomeação em Macau na primeira década do século xx, quando ainda nem se imaginava que Portugal pudesse “devolver” aquele território à China continental. Portanto, os factos que relatamos remetem principalmente a um período em que Macau era guiada ao estilo colonial por Portugal, em cuja administração a China não interferia de forma directa.

O BAPTISMO COMO INCLUSÃO SOCIAL

Do ponto de vista linguístico, a Macau da primeira década do século xx era tão chinesa quanto a de hoje.² Os chineses e os portugueses encontravam-se em muitos espaços, em especial o do comércio; no entanto, cada qual mantinha a sua língua de comunicação original, sem levar em conta a funcionalidade da outra língua, o que resultava numa significativa falta de envolvimento.

A elite era, dada a estrutura colonial, composta por macaenses 100% e por portugueses, mas havia já uma riqueza nas mãos de alguns chineses, baseada no acúmulo de bens imóveis, porém era uma riqueza silenciosa. Uma cidade sem grandes infraestruturas, alvo de intensas chegadas e partidas estrangeiras, com o choque cultural sempre presente.

Passamos a relatar factos importantes ocorridos em Macau durante a primeira década do século xx a fim de que um quadro de razões e causas nos conduzam ao entendimento da mudança de atitude quanto à nomeação de filhos e netos nos dias actuais em Macau.

Recuando ao século xx, deparamo-nos com uma situação que aponta para um crescente número de portugueses como habitantes em Macau. Em 1900, é regulado, por influência e estratégia da política portuguesa, o Asilo dos Órfãos da Misericórdia de Macau, uma casa de orientação religiosa católica. Com isso, órfãos baptizados na religião católica, recebendo nomes portugueses, ganham direito à cidadania portuguesa. Um dos motivos para esse crescimento paulatino foi justamente a conversão de órfãos à

religião cristã durante as primeiras décadas do século xx. Esse ritual era o primeiro passo para uma cidadania portuguesa futura. A exemplo desse Asilo, outros desempenharam funções semelhantes. O espaço de obras da Santa Infância³ ganha um papel de destaque nesta apresentação, dada a quantidade de chineses ingressantes nesse período, independentemente da idade.

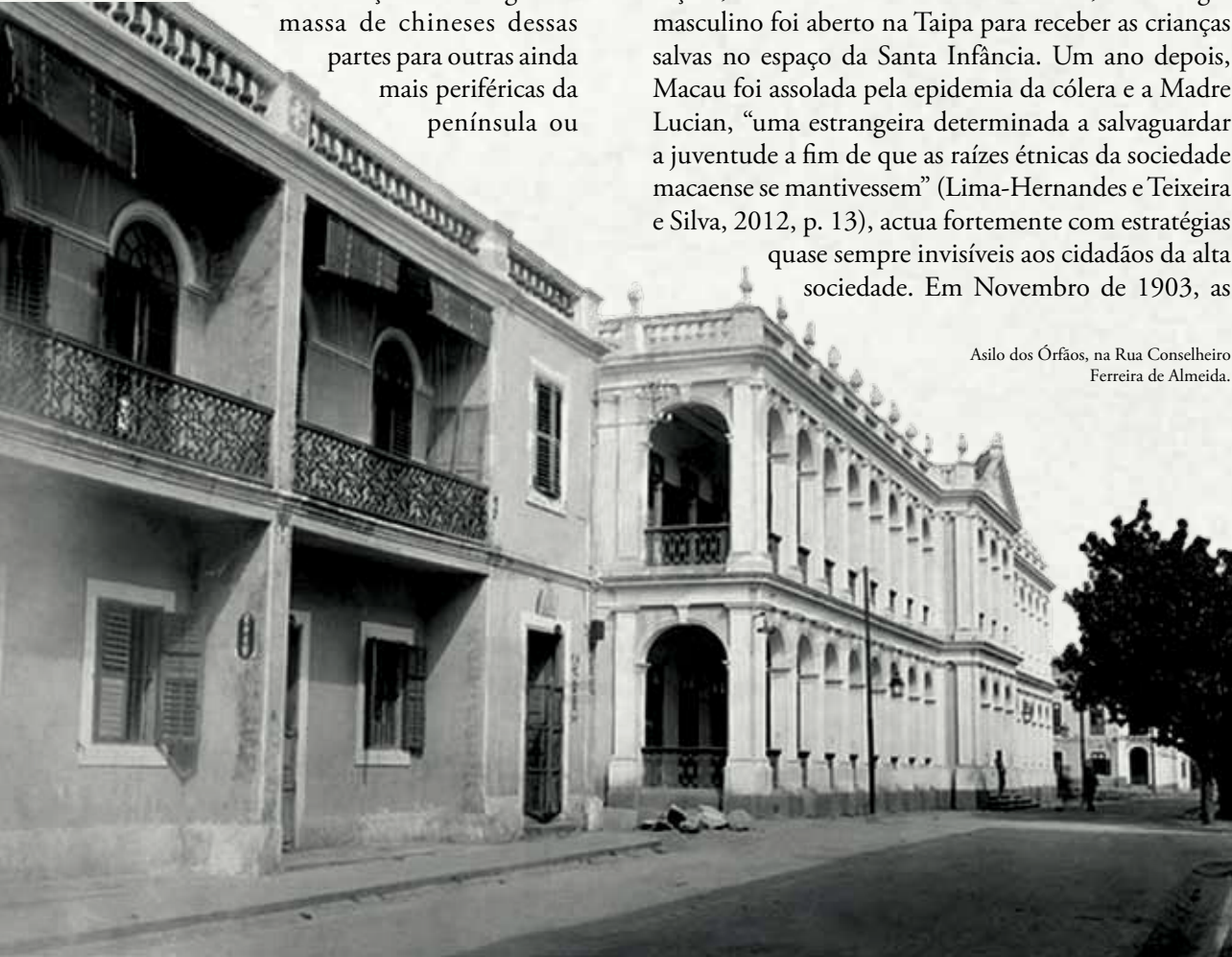
O que pode ter conduzido, nessa época, tantas crianças ou fugitivos da China à condição de órfão nem sempre foi o falecimento dos pais.⁴ Em 1901, a peste bubónica avassalou Macau e várias epidemias mataram muitos.⁵ Uma outra hipótese é a de que muitos chineses tiveram os imóveis desapropriados e, em consequência, foram colocados, em alguns casos, ao relento, sem moradia. Isso verificamos com os projectos de infraestrutura urbana que demandaram grandes áreas de expropriações.⁶ O efeito pode ter sido também

a movimentação de uma grande massa de chineses dessas partes para outras ainda mais periféricas da península ou

das ilhas, sem as infraestruturas ideais para uma vida sadia.

Também algumas acções políticas parecem ter deflagrado reacções chinesas. Em 1902, por exemplo, o governo português investiu longas horas em reuniões com o governo chinês na tentativa de delimitar o território de Macau,⁷ sobre o qual alegava soberania. Talvez em decorrência disso, a China tenha aberto estrategicamente os seus portões de fronteira para a saída de milhares de chineses em direcção a Macau. Esse movimento fez com que o mercado imobiliário entrasse em colapso e não restassem casas vagas para arrendar. Ainda uma outra razão se junta a essas: os tufões, que, de tempos em tempos, irrompiam em Macau e suas ilhas, fizeram um número considerável de vítimas, por exemplo em 1902.

Tratar das acções ocorridas no Asilo da Santa Infância exige que apresentemos as agentes dessas acções, as irmãs canossianas.⁸ Em 1901, um colégio masculino foi aberto na Taipa para receber as crianças salvas no espaço da Santa Infância. Um ano depois, Macau foi assolada pela epidemia da cólera e a Madre Lucian, “uma estrangeira determinada a salvaguardar a juventude a fim de que as raízes étnicas da sociedade macaense se mantivessem” (Lima-Hernandes e Teixeira e Silva, 2012, p. 13), actua fortemente com estratégias quase sempre invisíveis aos cidadãos da alta sociedade. Em Novembro de 1903, as



Asilo dos Órfãos, na Rua Conselheiro Ferreira de Almeida.

ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

Canossianas foram obrigadas a passar o Colégio de Santa Rosa de Lima para as Franciscanas. Receberam, providencialmente, a incumbência de cuidar do Colégio Perseverança (na Casa das 16 Colunas) e prosseguiram com a intenção de encontrar um novo espaço para a Santa Infância, o que se verifica somente um ano depois na ilha de Coloane. Essa grande conquista, devido aos constantes ataques de piratas, tornou-se um pólo de insegurança, razão pela qual foi fechada dois anos depois.⁹ A Santa Infância, no entanto, nunca deixou de existir pelas obras que eram feitas, ainda que nem sempre houvesse um endereço fixo para isso.

Oficialmente, somente em Fevereiro de 1907, uma nova escola para chineses é aberta em Mong-Há. Logo no primeiro dia, mais de cinquenta alunos, de ambos os sexos, se matricularam. Administrar os problemas de um colégio em que línguas diversas corriam pelos corredores era o menor problema de Madre Lucian. Havia um outro, a acolhida a todos os que a procuravam, fosse para deixar ali seus filhos,

fosse para ali residir. As portas nunca se fecharam para essas intenções.

Num contexto em que havia a exigência de se ser católico para se ter direito à cidadania em Macau, era obrigatório que se desse nome português (ainda que sem sobrenome) a todo aquele que baptizado fosse. Apesar de haver uma segunda condição importante para a cidadania – a capacidade de comunicação em língua portuguesa –, bastava o nome para já integrar, ainda que marginalmente, o espaço do cidadão. Insuspeitas, mulheres de idades diversas, muitas vezes em fuga pela situação política em regiões vizinhas, passaram a integrar esse grupo fraterno com funções variadas.

De entre os quesitos para se alcançar a cidadania no território, um era condição *sine qua non*: o baptismo católico. Muitos foram os naturais de Hong Kong, habitantes de Macau e mesmo cidadãos de Macau, com ascendência portuguesa ou chinesa, que aliaram forças para dar essa condição aos moradores da Santa Infância.

Os procedimentos adoptados durante o baptismo dependiam da presença de dois padrinhos (um casal).¹⁰ Muitas vezes, mais no início do século xx, somente a madrinha era suficiente. Quanto ao nome escolhido, era comum que os afilhados passassem a ser chamados pelo primeiro nome do padrinho (se mulher, recebia o nome da madrinha; se homem, o nome do padrinho), excepção feita aos moribundos, que sempre recebiam o nome do Santo do dia, embora também outros sadios pudessem ser nomeados dessa forma durante o sacramento.

Depois de alguns anos dessa rotina, os próprios baptizados, mas ainda habitantes da Santa Infância, passaram a apadrinhar outras crianças que ali chegaram. A freguesia que efectuava os registos de baptismo a que nos referimos para este estudo é a de Santo António, próxima à unidade mais antiga do espaço da Santa Infância e circundada pelos bairros mais chineses de Macau.

No caso das meninas, especialmente, a Santa Infância não representava exclusivamente o nome do lugar de abrigo para essas crianças chinesas ou mestiças que ali eram deixadas. Era também o lugar do preparo para a cidadania. Aprendiam a ler e a costurar, conformando-se aos atributos que minimamente se esperava de uma mulher respeitável em Macau, o perfil almejado para a integração social.

Não só as intempéries meteorológicas de Macau afectavam a obra canossiana. Dada a sua tendência clara em auxiliar chineses em Macau, a cada sensação de estabilidade alcançada pelas irmãs, uma nova acção governamental ou eclesiástica lhes tirava o chão dos pés. Em Julho de 1907, uma nova ordem provocou a transferência das crianças da Santa Infância para o Colégio Perseverança, mas, apenas alguns meses depois, regressaram ao espaço de origem para novamente ceder lugar a outra obra, um orfanato de crianças menores de dez anos.

Um ano após a morte da irmã Lucian, em Setembro de 1910, outro revés: o Colégio passou para as mãos dos Salesianos. Não bastassem essas perdas, ainda nesse mesmo ano, um vendaval na Taipa provocou estragos enormes, o que redundou no encerramento das actividades nas duas unidades.

O final da década de 1910 parece não terminar bem para a missão canossiana. Com o advento da revolução portuguesa, as obras de caridade foram afectadas. Missões de Timor e Macau foram por isso encerradas. Não restando outra solução, a irmã Luigia

Marelli, que assumira a frente da missão, enviou oito irmãs e duas noviças para a casa de Han-Kaw, em Hong Kong.¹¹ Apenas uma casa canossiana permaneceu em Macau, a Santa Infância, mantida para continuar a acolher as crianças chinesas recém-nascidas, além de algumas cegas e “entrevadas” que não tinham abrigo.

Nos seus vinte anos de existência, foram baptizadas 17 400 pessoas, algumas das quais em seu leito moribundo. Nesta etapa dos estudos, focalizaremos os nomes dos albergados considerados menos ilustres nesse grande rol, quais sejam, os filhos de pais incógnitos e os baptizados em leito de morte. Ambos são alvo da maior rejeição social, por serem abandonados, inclusive com desrespeito pela sua condição mais humana: a do direito à vida. No final do período sob estudo, a situação das canossianas era a seguinte: albergavam aproximadamente cem crianças – as abandonadas ao nascer, as cegas, as surdas, as consideradas loucas e as regeneradas.¹²

A NOMEAÇÃO COMO PROCESSO SIMBÓLICO

O ser humano, análogo por natureza, até como forma de aprendizado, precisa de categorizar as coisas, os seres, os indivíduos. Há nomes que reflectem mais transparentemente o gosto e as motivações de uma época. Não é incomum que ouçamos um nome e imaginemos uma faixa etária vinculada a ele. Também não é incomum que ondas de retomada sejam exibidas ao longo dos tempos. Como argumenta, no entanto, Pinker (2008), somente dois seriam, *lato sensu*, o legítimo lugar do nome: o mundo e a própria mente, como processadora das informações do mundo.

Nesse sentido, atribuir um nome representa, em última instância, compreender o *habitat* de uma comunidade, incluindo-se aí as forças motivadoras das escolhas nada aleatórias. É difícil dizer, de pronto, o que significa um nome na sua origem, mas é razoavelmente fácil identificar motivações contextuais para a escolha de um ou outro nome. No caso sob estudo, falamos de um espaço territorial com estatuto híbrido, pois o governo português o considerava colónia e o governo chinês, um espaço de concessão administrativa temporária. Entre esses dois pólos de interesses, situam-se os cidadãos comuns (chineses, macaenses, portugueses e um tanto de outros indivíduos oriundos de outras nações), os quais manifestam crença e

Largo de S. Lourenço: Consulado inglês e, à esquerda, a “Casa das 16 Colunas”, c. 1900.



intuições distribuídas ao longo de um *continuum* que se forma entre esses dois pólos.

Essa forma divergente de conceber o espaço de convivência pede que se analise o nome de perspectivas variadas. Uma delas é a que remete para a distância cultural, espelhada também nesse processo denominativo que faz dois grupos tão distintos conviverem: o som é o que permite a interpretação de alguma proximidade entre os dois grupos, os chineses e os portugueses. De uma perspectiva mais ampla, pode-se analisar o nome em dois âmbitos culturais. Um primeiro implica a vinculação geográfica de indivíduos, o que favorece a suposição de uma identificação cultural de um ser; no entanto, como as fronteiras geográficas são cada vez mais ténues, também a adopção dos nomes parece fluida. A internet, a televisão, os filmes e todo o arcabouço cultural fazem os nomes migrarem

virtualmente e serem alvo de avaliação, produzindo a sua rejeição ou incorporação por grupos, conferindo coesão temporal às escolhas. Numa microesfera motivadora, está aquela que instancia uma projecção pessoal subjectiva nas crianças por parte de quem escolhe como serão nomeadas (em geral, os pais), criando um vir a ser simbólico por meio do nome escolhido ou, ainda, partindo de um porto seguro que possa garantir o sucesso ao ser querido no momento baptizado. Parece-nos que este segundo viés nos permite analisar (ainda que brevemente) a mencionada garantia de que um futuro seguro pode ser presumido a partir de uma escolha de nome; assim, o baptismo valeria como um bilhete de ingresso respeitável numa outra cultura.

É o que Teixeira e Silva e Lima-Hernandes (2010) verificam quando surpreendem, no período antecedente ao *Handover*, o processo de adopção

de nomes portugueses por mulheres chinesas como uma estratégia de desvinculação do grupo de menor prestígio, o dos chineses, e o ingresso no mundo cultural de um dos grupos privilegiados, no caso, o dos macaenses.

A língua portuguesa, como várias outras línguas ocidentais flexivas, possui a palavra como unidade básica para a nomeação. A escolha de um nome próprio, em princípio, pode dar-se a partir de um elenco de nomes pertencentes a um paradigma que, na virtualidade, é passível de se tornar um nome próprio de pessoa não apenas por individualizar, mas por ser culturalmente aceite como tal por um determinado grupo. É por isso que Pinker (2008), por exemplo, vai defender que os nomes podem denunciar faixas etárias, crenças, vinculações sociais, de entre outros atributos culturais.

Nas línguas ocidentais, é comum que haja o afastamento do conteúdo semântico original do nome com o crescimento das sociedades (Carvalhinhos, 2007; 2010), ou seja, nomes circunstanciais e plenos de sentido no acto da denominação passam a actuar unicamente em função denotativa (como queria Ullmann, 1957), exercendo uma função de rótulo. A escolha dos nomes dos filhos pode estar baseada em homenagens, devoções (por motivos religiosos) ou, simplesmente, na sua sonoridade agradável (base do argumento da beleza do nome); pode sofrer influências externas pela mitologia, literatura e, mais recentemente, pelos média.

Nesse sentido, não se pode falar propriamente em escolhas, posto que o ambiente também é um elemento de pressão, mas pode ser, em alguns ambientes, politicamente limitado, como ocorre em países como a Costa Rica, Uruguai e Portugal, por exemplo. Nesses espaços, a escolha assume o seu sentido mais original, pois os denominadores têm a liberdade de escolher um de entre os muitos que constam do rol de nomes ligados aos substratos dessas línguas. A despeito disso, nesses casos, a base continua sendo a mesma: ainda é a palavra.

Historicamente, há grupos menores em cujo sistema denominativo os nomes pessoais prescindem de outros apelidos. É o que se verifica no sistema da Grécia antiga, da Etrúria e mesmo da incipiente Roma. Quando a sociedade se expande, o grupo cria mecanismos para manter a identificação do indivíduo,



incluindo formas distintas. É o que ocorre com patronímicos, de filiações clânicas (como as *gens* romanas) ou da posposição de nomes circunstanciais e atributivos (físicos ou morais). Contudo, em sociedades muito grandes e com frequentes casos de homonímia, percebe-se justamente a dessemantização

do nome pessoal, que passa a assumir a função de etiqueta, consequentemente absorvendo outros significados e referências não etimológicos.

Nesse quesito, a China, tão diversa nos seus espaços, busca o mesmo para seus filhos. O nome significa muito e, por isso mesmo, como observa Jia (2009), não é uma escolha simples e rápida. Demanda tempo e conhecimento.¹³

Do ponto de vista linguístico, a Macau da primeira década do século XX era tão chinesa quanto a de hoje.

Ainda segundo Jia, ob cit., a base das línguas da China são os caracteres e não as palavras.¹⁴ Embora quatro ou cinco mil sejam os mais usados, há um acervo virtual de aproximadamente cinquenta e seis mil caracteres, disponíveis para a criação de nomes próprios e, muitas vezes, utilizados para sofisticar e criar um aspecto de erudição no nome.

A par disso, o conjunto de caracteres eleitos cria uma imagem do nome, a qual deve ser harmónica. Isso quer dizer que, além do significado dos caracteres, também a imagem criada pelo conjunto de caracteres pode ser praticamente “lida” como resultado de uma obra de arte caligráfica ou mesmo como uma pintura, tomando-se cuidado para evitar monotonia e inarmonia. A beleza do nome, fónica para os europeus e ocidentais em geral, é, para os chineses, simbólica e imagética. Os caracteres são agrupados em dez categorias o que, conforme afirma a autora, permite vislumbrar o princípio do mecanismo de eleição dos traços para compor o nome próprio:

“Los diez grupos mencionados cubren la mayoría de casos de estructura de caracteres chinos. El factor decisivo de la combinación estructural de un nombre

Crianças de Santa Infância c.1925.



chino es la del carácter del apellido, ya que es el único elemento fijo e insustituible y el punto de partida del nombre. La selección de los caracteres del nombre se basa en la estructura que tenga el carácter del apellido.” (Jia, 2009, p. 88)

Em termos gerais, essas formas de nomear convivem em centros urbanos, cuja mobilidade e migração são intensas. Nestes lugares encontram-se, e são facilmente identificáveis, os nomes tradicionais considerados vulgares por representarem características históricas “ultrapassadas” pelo progresso, escolarização e desenvolvimento das infraestruturas. Alguns desses nomes podem ser associados, por isso, a pessoas com baixo nível de escolaridade ou a profissões e funções sociais pouco prestigiosas. Essas formas serão, em geral, evitadas por gerações nascidas em centros urbanos.

Com a abertura política chinesa nos anos 70 e 80 do século xx, mudanças radicais foram observadas. O estilo de vida ocidental, trazido para o interior das residências pelos meios de comunicação, passou

a ser cada vez mais admirado até que, na própria denominação dos filhos, se tentou uma ocidentalização, a fim de reproduzir a tão admirada sonoridade dos nomes ocidentais, que, apesar de estarem na moda, nada significavam naquela cultura sob o ponto de vista da sonoridade :

“en la mayoría de los casos los caracteres empleados en ellos rompían las reglas semánticas convencionales y no tenían significado, lo que suponía un factor bastante negativo desde el punto de vista tradicional de la denominación.” (Jia, 2009, p. 106).

Diferentemente dos nomes ocidentais, a maioria dos nomes chineses poderá provir de inúmeras classes de palavras e não exclusivamente do binómio substantivo/adjectivo. Assim, os motivos que regem a escolha dos nomes dos filhos podem ser bem diferentes dos já mencionados. O nome pode ser portador, por exemplo, de um significado simbólico do vir a ser, como nas antigas sociedades ocidentais. Desta forma, é comum encontrar antropónimos relativos a

ambições, profissões admiradas pelos genitores, desejo de longevidade e boa saúde, patriotismo, desejo de riqueza, felicidade, inteligência, beleza física e moral elevada, entre outros.

Com esta breve exposição, parece ficar claro que todo o panorama cultural que envolve a escolha de um nome pode guardar diferenças e peculiaridades derivadas das construções culturais, o que licencia conjecturar, quanto à adopção dos nomes portugueses em Macau, o seguinte: (i) a escolha de um nome português (na primeira década do século xx) representaria o desejo de inserção sociocultural, representado pelo baptismo e pela escolha de um novo nome; (ii) a adopção de um nome ocidental, como se fosse um *nom de voyage*, geraria um nome completamente vazio de sentido para o seu grupo de origem, mas camuflaria informações que permitiriam tornar menos transparente a sua vinculação étnica.

Na Macau da primeira década do século xx, no entanto, não é possível afirmar se as chinesas e chineses tinham a consciência do significado social dos seus nomes. O que cremos é que essa consciência provinha das irmãs canossianas, as quais tomaram para si o dever de auxiliar os chineses a ocuparem o seu espaço de forma digna. As irmãs canossianas e o seu “pelotão de caridade”, na verdade, pareciam querer evitar o (pre) conceito que se tinha de chinesas e filhos de chineses à época. Se, por um lado, os chineses eram afastados dos seus direitos pela administração portuguesa, por outro, já nem eram considerados em existência pela China soberana. Na verdade, os espaços da Santa Infância e, em alguns momentos, a Paróquia de Santo António foram o porto seguro, a instância última de dignidade para muitos.

Algumas forças conservadoras conviviam nesse espaço de lutas por dominação e poder: a cultura chinesa (consequentemente, a sua língua cantonesa), milenar na história oriental, sempre esteve arraigada ao quotidiano, às acções e aos valores e crenças dos nativos. A cultura portuguesa, diferentemente, é considerada forasteira, adolescente no espaço de contacto, mas com um aparato administrativo colonial “eficiente” em situações abruptas. O impasse entre esses dois grupos foi, excepto alguns poucos enfrentamentos, muito invisível durante os 400 anos de administração portuguesa, vindo à tona, de forma mais robusta, somente com a aproximação do *Handover*, quando:

- a. a Igreja Católica, com representação em boa parte de Macau, e até celebrando missas em chinês, não removeu o povo dos seus rituais e crenças chinesas;
 - b. a escola, instalada em toda a Macau, mesmo sendo a condutora da língua portuguesa e dos valores culturais ocidentais, não conseguiu impactar a língua familiar nem quotidiana;
 - c. os serviços administrativos públicos, reduto de mão-de-obra macaense e portuguesa, não transformaram o diálogo com os chineses de modo a incorporar o ponto de vista oriental;
 - d. a língua portuguesa, a despeito do seu potencial para unir povos de línguas tão incompreensíveis entre si, foi usada como forma de domínio e de exclusão, tal como seria um bilhete de ingresso a nichos e a redes sociais “mais respeitáveis”.
- Nesse contexto, o nome funcionaria como um cartão-de-visita para esse primeiro acesso à Igreja, à escola, à cidadania, enfim.

CENAS DE BAPTISMO: UMA INCURSÃO HISTÓRICA

Nesta secção, com o objectivo de reconstituir as cenas de baptismos, trabalharemos com um conjunto de dados provenientes dos “Assentos de Baptismos da Freguesia de Santo António”, consultados de 1900 até 1910.¹⁵ Esses baptismos ocorriam num único dia do mês (ou dois, dependendo da urgência que muitas vezes podia ser “extrema unção”), como para regularizar a vida de alguns que nem sequer tinham perspectiva de um futuro: os abandonados pelos pais no seu direito a receberem um sobrenome.

É importante ressaltar que a data de registo nesse período raramente equivalia, na freguesia de Santo António, à do nascimento do indivíduo. A melhor data para o baptismo era determinada pela existência de vaga na agenda do padre e das irmãs, com a excepção dos casos em que o estado de saúde do indivíduo fosse muito grave.

Esses registos permitem verificar que nenhum indivíduo possuía sobrenome ou tinha o direito a recebê-lo durante as secções de baptismo, mas tinha o direito a uma madrinha ou padrinho. Lembremo-nos de que ser católico conferia, nesse contexto, um alto índice de inclusão social que se poderia agregar positivamente à aparência oriental. Quanto mais “digno” fosse o padrinho, maior a sorte do indivíduo em ter acesso a direitos de cidadão.



Casa da Beneficência, c. 1925.

ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

QUADRO 1: COINCIDÊNCIA ENTRE OS NOMES DA PESSOA BAPTIZADA E O SANTO DO DIA/MÊS

Estatuto da madrinha	Idade da pessoa baptizada	Nome de baptismo	Nome do Santo do dia/mês
Freira Canossiana	85 anos	Martha ¹⁷ (nasceu na China)	não
	1 ano	Marianna de Jesus	
	68 anos	Maria Magdalena (em perigo de vida)	sim
	55 anos	Maria Rosario	
	23 anos	Genoveva Maria	
	19 anos	Margarida	
	14 anos	Ignez Rosa	
	13 anos	Martha da Anunciação	
	6 anos	Camillo de Lelis	
	1 ano	João Berkmaus	
	3 dias	João Antonio de Padua	
Interna do Santa Infância	36 dias	Roza Reis	sim
Estrangeira de Hong Kong	19 anos	Anna Maria Piter ¹⁸	não
Moradora de Macau	85 anos	Magdalena (China) – viúva	não
	2 anos	Josepha das Dôres	
		Eulalia Angelica	
		Maria Immaculada	
	1 ano	Gregorio Francisco Xavier	
	10 meses	Suzanna do Rozario (em perigo de vida)	
	3 meses	Bernarda Popolo de Souza	
	3 meses	Luiza Joanna (em perigo de vida)	sim
	2 meses	Faustina Antonia (em perigo de vida)	
	1 mês	Thereza Priscilla (em perigo de vida)	
	26 dias	Josephina Rosa (em perigo de vida)	
	15 dias	Lucilla Flavia (em perigo de vida)	
	3 dias	Michaela Anna (em perigo de vida)	não

QUADRO 2: COINCIDÊNCIA ENTRE OS NOMES DA PESSOA BAPTIZADA E DA MADRINHA

Estatuto da madrinha	Idade da pessoa baptizada	Nome de baptismo	Nome da madrinha
Moradora de Macau	15 dias	Luzia Petronilla (em perigo de vida)	Petronilla Tam
	3 meses	Maria Emilia da Silva (em perigo de vida)	Blaudina Francisca Freire da Silva
Moradora da Santa Infância	84 anos	Maria (nasceu na China) – viúva	Maria Marcelina dos Remédios
	3 anos	Firmina Filippa (perigo de vida)	Filippa Cian
	3 meses	Thereza Angelina	Maria Thereza Manhão
	sem registo	Thereza Francisca	Francisca Athôn

Alguns critérios permitem estabelecer padrões de acção, quais sejam, o estatuto do padrinho e o nome de baptismo,¹⁶ o que separa em diferentes categorias de indivíduos os membros do grupo cujos pais eram desconhecidos. A seguir, trataremos desses padrões, porém segmentados em dois grandes nichos: a coincidência ou não entre o nome de baptismo e o nome de algum dos padrinhos. (Quadros 1 e 2)

Aparecem aqui apenas quatro meninos, três dos quais baptizados por freiras canossianas. Estes três recebem o nome de santos, não necessariamente o santo do dia: São Camilo de Lellis, Santo António de Pádua, São João. Um deles é baptizado por uma moradora de Macau. Observamos, então, que a maioria dos baptizados é constituída por meninas e mulheres.

Notemos que a grande parte das madrinhas convive e compartilha o quotidiano do Lar: as freiras canossianas e uma interna. Por outro lado, a presença de cidadãs de Macau como madrinhas aponta para uma participação social que se vai ampliando e diversificando com o envolvimento de padrinhos e de casais, por exemplo. Além disso, com o passar do tempo, a própria postura frente aos baptizados também muda paulatinamente: os actores sociais passam a assumir os seus papéis, identificando-se nos registos.¹⁹

Um levantamento como este permite reconhecer alterações nos padrões sociais de comportamento em Macau. Verificamos que a participação filantrópica feminina já se faz bem presente. A atitude dessas mulheres foi fundamental para que outros cidadãos de Macau despertassem para a causa, tornando-a mais visível e abrindo caminho para uma normalização e ampliação dessa prática a cidadãos comuns de Macau.

Relacionadas a madrinhas moradoras de Macau estão apenas duas crianças de tenra idade e do sexo feminino. Notemos que não há regra quanto ao que implique doar o nome ao seu apadrinhado. Num caso, o prenome foi atribuído (Petronilla) e, noutro, foi dado um dos sobrenomes da família (Silva).

Quatro residentes da Santa Infância assumiram a função de madrinhas: de duas crianças, de uma idosa e de uma mulher sem informação de idade no livro oficial de assentos de nascimentos. Todas elas atribuíram o seu prenome aos baptizados.

Como pudemos observar, na maioria das vezes, pode-se reconhecer inspiração eclesiástica na escolha dos nomes, mais especificamente os provenientes dos santos e beatos ligados a obras religiosas. Quanto à forma dos nomes, nota-se a presença de dobres consonantais típicos da língua

ESTUDOS DE MACAU

MACAO STUDIES

italiana ou, coincidentemente, de um período pseudo-etimológico, remanescente da grafia de língua portuguesa.²⁰

Algumas perspectivas se abrem com esta análise apresentada da primeira década do século xx:

(i) quem seriam essas madrinhas, habitantes de Macau, que aceitaram baptizar esses órfãos ou abandonados?

(ii) que eventos sociais mais especificamente motivaram o perigo de morte de tantas pessoas?

(iii) quem foram as madres envolvidas nesse trabalho social de acolher os rejeitados em Macau?

Algumas providências já foram tomadas para responder a essas questões. Recolhemos um conjunto de documentos históricos da primeira década do século xx que nos permitirá identificar possíveis motivações para os abandonos de crianças e entender algumas causas para o perigo de morte em tão tenra idade. Outro passo já foi ensaiado para conhecer melhor essas mulheres habitantes do Instituto das irmãs canossianas que serviram de madrinhas de tantas crianças à época. Referimo-nos ao projecto “Anjos de Macau”, desenvolvido por Lima-Hernandes e Teixeira e Silva (2012), cujas bases já estão publicadas na Revista brasileira *Fragmentum*.

Talvez o baptismo de chineses com nomes portugueses pareça uma história isolada no tempo. Talvez pareça uma história que não deixou os seus hábitos registados na vida quotidiana da actual RAEM. Mas não é bem assim. É ainda um hábito – seja pela dificuldade de pronunciar o nome, seja pela recusa de se expressar em outra língua que não a portuguesa – o

rebaptismo dos alunos chineses com nomes portugueses nesse mesmo espaço de Macau, apesar de a língua falada nas ruas ser maioritariamente o cantonês e de a administração chinesa ter reassumido seu espaço. Mas algo está a mudar nas comunidades de Macau e essa é uma mudança sorrateira. Sentir o peso dessas atitudes dependerá de se viver mais tempo no século xxi: evidências dessa postura de valorização da cultura chinesa, e dos seus nomes, já se verifica na actuação familiar dos avós e pais, que se preocupam com o futuro de seus rebentos e descendentes num espaço que é cada vez mais dominado pelas línguas e culturas chinesas e pelas interferências do poder central da China. As respostas a essa preocupação são várias e vão desde os documentos oficiais para o ensino de línguas²¹ até às escolhas das escolas dos filhos a fim de que dominem bem o chinês escrito. E como afirma Margarida, uma avó macaense, “se ela (a nora e, consequentemente, a neta) quiser continuar em Macau, é preciso ter o nome chinês (falando do nome da neta) para ter a ligação ...” (Teixeira e Silva e Lima-Hernandes, 2010, p. 47).

Se os esforços das canossianas, motrizes daquela primeira década, se apagam na década de 20, com a morte da irmã Marelli, na Santa Infância, a sua obra sempre será admirada pelo respeito e espírito de cidadania que fez florescer entre os chineses de Macau. E é esse espírito guiado pelo direito a um nome que vinga nas direcções dos ventos soprados no rio das Pérolas... Rio que continua a fazer correr as águas que circundam as ilhas de Taipa, Coloane e a península de Macau, embalando o grande dragão no sono dos justos enquanto o seu povo se apruma no velho espaço. **RC**

- 10 Durante a consulta à primeira década do século xx, identificamos o caso de uma menina de 6 anos, baptizada de Maria Augusta em 28 de Janeiro, sem nenhum padrinho nem madrinha oficialmente registado.
- 11 As unidades de Singapura e Malaca nada sofreram, por estarem sob o domínio dos ingleses.
- 12 O cuidado que adoptamos ao buscar critérios uniformizadores dos registos levou-nos à percepção de um quadro relativamente difuso das motivações para o abandono dessas crianças, pois nem todas eram de facto órfãs. Havia, entre o grupo dos que corriam perigo de vida, crianças baptizadas legitimamente pelos seus pais e isso fez-nos decidir pela sua exclusão. Esses registos serão reservados para um segundo momento de análise mais detida, pois o baptismo destes nem sempre representava uma relação de albergamento entre as canossianas.
- 13 De acordo com Jia (2009, p. 146), “*el nombre de una persona es también, al mismo tiempo, una nota cultural que contiene características de la época, que refleja conceptos culturales, que lleva marcas de linaje, mediante el cual los padres expresan sus deseos y esperanzas, y a veces también funciona como revelador del gusto o las aficiones de una persona. Por otra parte, buscar un nombre chino adecuado es todo un proceso de estudio que comporta conocimientos de sabidurías antiguas, filosofías o religiones del país*”.
- 14 A autora considera que uma das diferenças fundamentais entre nomes chineses e europeus é que “*los primeros son unidades semánticas y suelen estar formadas principalmente por substantivos, adjetivos y verbos. Los constituyentes de un nombre forman sintagmas de distintas estructuras que reflejan relaciones modificadoras, copulativas, narrativas, etc.*” (2009, p. 96).

- 15 Os documentos estão vinculados ao Fundo de Cartório Paroquial sob a guarda do Arquivo Histórico de Macau.
- 16 É importante esclarecer que, nos registos oficiais consultados, após as informações de nome, idade e data de baptismo, encontra-se o nome do santo(a) ou do beato (a), inspirador do nome.
- 17 Mantivemos a mesma grafia e sinais gráficos contidos nos documentos originais.
- 18 Referência a uma jovem senhora, em perigo de vida, casada com um senhor de Hong Kong, que busca o baptismo da esposa.
- 19 Começam a aparecer o nome dos padrinhos, o estado civil e a freguesia que habitavam.
- 20 Em alguns casos, contudo, também seriam empregados na língua portuguesa contemporânea aos baptismos, pois o período ortográfico correspondente pedia que se manifestassem traços de língua clássica na escrita portuguesa (período etimológico ou pseudo-etimológico, a depender da habilidade e lastro cultural do escrevente). Duas histórias geográficas e culturais se misturavam nesse momento, portanto. Outro dado relevante é que os traços de cultura chinesa são apagados totalmente, mesmo os das adultas e idosas baptizadas durante esse período e nessa condição de pais desconhecidos.
- 21 Por exemplo o documento “Políticas do ensino da língua na área do ensino não superior da Região Administrativa Especial de Macau”. 2008. Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Macau.

BIBLIOGRAFIA

Carvalhinhos, Patrícia J. “Aplicações da teoria dos signos na Onomástica”. *Língua e Literatura*, Vol. 27, 2011, pp. 299-309.

———; Antunes, Alessandra Martins. “Princípios teóricos de Onomástica. Toponímia e Antroponímia. O nome próprio”. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Vol. XI, 2007, pp. 108-121.

Jia, L. *Estudio lingüístico sobre los nombres propios de persona en chino*. Dissertação de doutoramento. Departamento de Lingüística General y Teoría de la Literatura. Granada: Editorial de la Universidad de Granada, 2009.

Lima-Hernandes, Maria Célia. “Língua Portuguesa em Macau: amostragem, descrição e organização de dossiê sobre a variedade asiática”. Projecto de Pós-Doutoramento/CAPES, 2010.

———; Teixeira e Silva, Roberval. “Anjos de Macau na primeira década do século XX”. *Fragmentum*. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, Vol. 35, 2012.

———; ———. “Português de/em Macau: traços linguístico-culturais”. Comunicação ao III Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – A Formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo. Macau: Universidade de Macau (no prelo).

Pinker, Steven. *De que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

“Políticas do Ensino da Língua na Área do Ensino Não Superior da Região Administrativa Especial de Macau”. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 2008.

Silva, Beatriz Basto da. *Cronologia da História de Macau*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1997.

Sing, Lam Lai. *Generational Changes in the Cultural Attitudes and Activities of the People of Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997.

Teixeira e Silva, Roberval; Lima-Hernandes, Maria Célia. “Ligas urbanas, atitudes linguísticas na trama discursiva de macaenses e de paulistas caipiras”. Macau: *Revista de Cultura - Edição Internacional / Review of Culture - International Edition*, 35, 2010, pp. 34-48.

———; ———; Santiago-Almeida, Manoel Mourivaldo. “Redes sociais e atitudes linguísticas: o caipirês no meio académico”. *In* Manoel Mourivaldo Santiago Almeida; Maria Célia Lima-Hernandes (orgs.). *História do português paulista: modelos e análises*. Vol. 3. Campinas-São Paulo: Publicações IEL-UNICAMP/FAPESP, 2012, pp. 485-497.

Ullmann, Stephen. *Principles of Semantics*. Oxford: Blackwell, 1957.

Vasconcelos, J. Leite de. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

NOTAS

- 1

Vale ressaltar que empregamos o termo “macaense” para nos referirmos, como tradicionalmente se faz em Macau, a habitantes de ascendência luso-asiática. Os chamados, pelos próprios macaenses, de “os 100% macaenses”.
- 2

Em 1910, contavam-se em Macau 66 499 habitantes, dos quais somente 3526 eram portugueses e, nas ilhas, de 8367 habitantes, somente 70 eram portugueses. (cf. Silva, 1997, p. 68).
- 3

A Santa Infância recebe diferentes designações: Asilo da Santa Infância, Lar da Santa Infância, Santa Infância. Todos correspondem à mesma instituição fundada pelas Irmãs Canossianas.
- 4

Um dos casos identificados é o de um menino, de 2 anos e 7 meses, registado na data de 26 de Janeiro. Esse garoto teria ascendência inglesa e a mãe estava presente ao baptismo. O pai foi considerado desconhecido.
- 5

Em 1902, uma nova doença abala Macau a partir de Cantão: uma epidemia de cólera, mas ainda nesse ano foi extinta.
- 6

A título de exemplo, de uma só vez, 350 000 metros quadrados foram expropriados na região de Mong-Há para a construção de ruas, largos e avenidas de um novo bairro.
- 7

Depois de inúmeras tentativas, ficou acertado que a delimitação não fazia sentido, já que Macau era, de facto, território chinês, porém sob administração portuguesa até 1999.
- 8

Teixeira e Silva e Lima-Hernandes (2012) focalizam-nas como anjos de Macau, dado o número de crianças e adultos que elas auxiliaram num período de tantas tragédias, doenças e preconceito em Macau.
- 9

Essa situação só é controlada com a expulsão, em 1910, dos piratas pelas forças portuguesas.
- 48 Revista de Cultura • 46 • 2014
- 2014 • 46 • Review of Culture 49